




**PORTE  
PAGO**

Quinzenário \* 25 de Julho de 1981 \* Ano XXXVIII — N.º 975 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

# Problemas sociais

São um emaranhado terrível, como quem desata nós de uma corda enredada: quando julgamos desembaraçar-nos de um, outro ou outros se enovelam — e a tarefa torna-se num desafio ao engenho e à paciência.

Este pensamento — aliás latente em FÉRIAS, que saiu no último Jornal — volta a bailar em meu espírito, ao ler um breve relato das comemorações aniversárias da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. «A vontade de estender a toda a infância e juventude de Lisboa, uma vigilância sistemática de saúde, que não existe»; «os adolescentes, de todos os mais carecidos e mais indefesos»; «a cobertura de toda a cidade com uma rede de creches e jardins infantis, que contribuiriam para a estabilidade das famílias»; «o mau aproveitamento que alguns jovens dão aos seus tempos livres» e «a contribuição para os afastar dos meios saturados que arrastam para todos os vícios que hoje constituem o flagelo da sociedade»; «a terceira idade»... — eis alguns problemas que preocupam o Provedor da Misericórdia de Lisboa e que ele, muito seriamente, propõe e partilha com os seus muitos colaboradores na oportunidade da festa, em vez de a celebrar, como é trivial, com o foguetório vazio do que está feito.

Ora quase todos estes problemas derivam de outros que o estado civilizacional a que chegámos foi criando e que, supostos resolvidos, continuam em si a solução de muitos destes.

A «Sociedade de consumo», a fatalidade da inflação fazem com que hoje, realmente, poucas famílias possam dispensar o salário dos dois cônjuges para a sobrevivência no nível que os envolve e que desejam também. Mas a mãe fora de casa é um grande mal. Todos aqueles problemas referidos, respeitantes às crianças desde a primeira infância até à juventude, seriam notavelmente diminuídos com a presença da mãe. Creches e infantários que parece serem hoje a regra de uma boa organização social, deveriam ser a excepção. Quanto melhor os conheço, tanto mais vou sentindo a extensão ao ser humano das «bélicas de aviário» que caracterizam o nosso tempo; cada vez mais me compadeço de tantas crianças cingidas a uma sala, às vezes a um pequenino recinto ao ar livre, alvo de tantas atenções, providas de tanta coisinha estandardizada, tão impedidas de criarem elas mesmas o seu mundo.

Jardins infantis ou ensino pré-primário ou preparação para a Escola, como lhe quise-

rem chamar, já é outra coisa. Apanhariam a criança aos 5/6 anos e iniciá-la-iam nas lides escolares... quando a mãe não tem ela própria a capacidade de realizar essa tarefa no seu lar. Esta primeira fase escolar está no papel há vários anos, mas ainda não saiu de lá para o comum dos pequeninos cidadãos desta idade, senão apenas para uns tantos privilegiados que lhe têm acesso. Mas Jardim-Escola, como, depois, a Escola Primária, o Ciclo e a Secundária, não implicam necessariamente a segregação do lar. Meio dia na Escola

(seja qual for o seu grau) e o outro meio em casa, ocupado com deveres de que sobrem alguns necessários e salutares tempos livres; trabalhos feitos ao pé da mãe enquanto ela gira nos seus próprios deveres domésticos, aos quais pertence esta vigilância e, se possível, ajuda e colaboração nos trabalhos dos seus filhos — não será muito mais naturalmente equilibrante do que todos os meios artificiais, por melhores que sejam, da melhor instituição pensável?!

Claro que, apesar de tudo, é mais fácil, e mais vistoso,

fundar Creches e Jardins de Infância do que criar aquelas condições económicas e culturais que os dispensariam, ao menos em tão grande número! E concomitantemente — e sobretudo! — preparar a Mulher para a sua missão de Mãe, o que deveria acontecer desde a Família, desde a Escola, se esta fosse, na verdade, uma instituição que não só instrui, mas educa. E esta educação não seria dirigida apenas às Raparigas mas também aos Rapazes que hão-de ser Pais

Cont. na 3.ª página

## AQUI, LISBOA!

«A vida religiosa em nossas comunidades seja o centro. As grandes aflições dos «Padres da Rua» tenham aqui a sua origem: vale mais a alma do que o corpo». (Pai Américo)

Acabamos de chegar da Casa de Retiros do Bom Pastor, na Buraca, onde duas dúzias dos Rapazes mais velhos foram fazer o seu retiro espiritual, como preparação para o 16 de Julho. Ninguém foi obrigado. Conscientes de que «a educação religiosa é fonte de Vida» sugerimos, certos de que Pai

Américo ficaria contente. A nossa missão é a de semeadores, que a colheita nos escapa e transcende.

É possível que muitos dos nossos Amigos não entendam esta linguagem. Respeitamos. Todavia, farão o favor de acreditar que é na «contemplação do Homem das Dores, que levou a vida mortal a servir», que encontramos a razão de ser da nossa entrega e a eficácia da nossa acção. «Pela alma dos Rapazes sangrem os padres até ao fim. A nossa capela. A Missa dominical. O ensino da doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os sacramentos: pôr-lhes a mesa, chamá-los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados.» (Pai Américo).

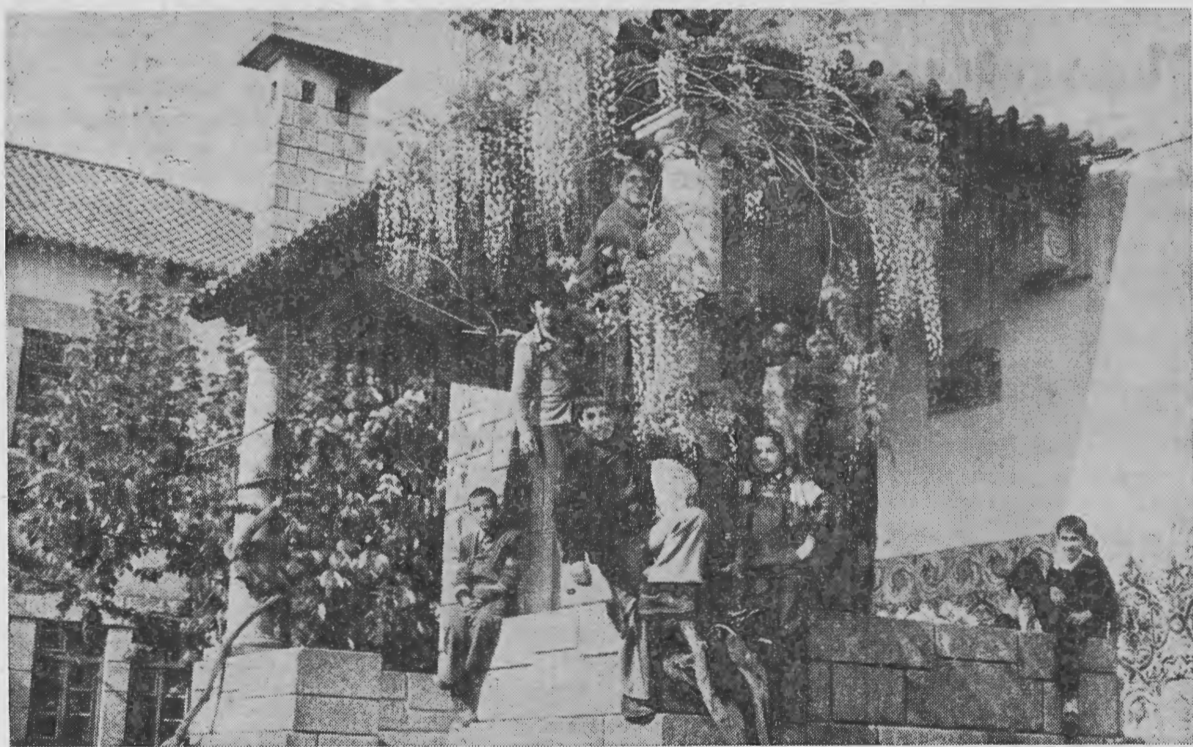
Escrevemos na noite de 12 para 13. Ainda antes de 16, outros grupos de Rapazes mais novos serão preparados para melhor viverem e sentirem a efeméride agora comemorada. No próprio dia de festa quase uma dezena de pequenos será baptizada e outros tantos farão a sua primeira Comunhão. Pai Américo vai ficar satisfeito, estamos certos. No dia do seu nascimento para a Eternidade queremos estar muito unidos a Ele e com Ele darmos graças a Deus pela dádiva da sua vida

ao serviço dos Homens, sobretudo dos mais fracos e esquecidos.

Os vinte e cinco anos do passamento de Pai Américo vão ser, decerto, um acontecimento importante em nossa vida. Nós somos de carne e osso e frágeis como todos os simples mortais. Queremos, todavia, sentir-nos mais comprometidos e aproveitar a ocasião para melhor nos empenharmos ainda nos caminhos que escolhemos. O exemplo de Pai Américo a isso nos impele e obriga. Se recebemos de graça, como diz o Evangelho, teremos de dar de graça.

Duas palavras apenas para os nossos Amigos, crentes e não crentes, que a todos queremos retribuir por igual. A vossa compreensão e a vossa ajuda são estímulos que não merecemos mas que consideramos indispensáveis. Todavia, sem excepção, vivos e mortos, vão estar presentes nas nossas intenções do dia 16. A vida vai continuar, com alegria e borrascas; estas mais do que aquelas. Sejamos todos, porém, dignos de Pai Américo, que na linha do Mestre de Nazaré, passou na terra fazendo o Bem, amando todos os Homens.

Padre Luiz



Eles agora são flores, entre as flores que ornamentam a bela capela da nossa Aldeia — em Paço de Sousa.



## Novos Assinantes de «O GAIATO»

Além das centenas de assinantes motivados pelo nosso Padre Carlos — em homilias nas Missas de paróquias do Grande Porto — continuamos a receber, directamente, muitos novos leitores de norte a sul do País.

A correspondência que nos chega às mãos, diariamente, é tão rica e salutar, pela espontaneidade! Aí vai um rol de presenças oportunas. Almas que fervem; e não só lêem O GAIATO como põem outros a ferver. E propagam o Famoso pelas quatro partidas do mundo.

Covilhã:

«Vocês fazem parte da minha família. Contacto quinzenalmente com os gaiatos de Miranda do Corvo que almoçam sempre dois em minha casa e com o Padre Horácio que nunca vem à Covilhã sem vir geralmente comer as migas conosco, razão porque não sou assinante de O GAIATO pois me é entregue directamente. Mas, sempre que posso, faço outros assinantes ou eu mesmo ofereço a assinatura.

Aproveito para pedir que inscrevam os seguintes senhores...»

Febres:

«Envio 650\$00 em vale de correio para cinco assinaturas de O GAIATO — três meninas e dois rapazinhos — para quem peço o favor de o mandarem. São todos alunos do 1.º ano

render o dinheiro entregue para os gastos suplementares da comunidade. Não houve problemas de espécie alguma. «Rebugados» e «Salsichas» — chefes de turno — estiveram à altura da responsabilidade neles depositada e também porque... o sol nunca nos molhou e o mar nunca nos secou!!!

CONVÍVIO DE ANTIGOS E NOVOS GALATOS — A preparação da nossa Aldeia para o convívio que decorreu nos dias 17, 18 e 19 de Julho, fez-se sem grande alarido.

Como os nossos mais pequenos estão de férias, fez-se uma «requisição civil» à comunidade e, no sábado anterior ao acontecimento maior em nossa Casa, distribuíram-se todos, incluindo os que trabalham fora e os tropas (que nesse fim-de-semana por cá estavam). De tarde andámos com vassouras limpando as avenidas; outros com sacholas e padiolas arrancando ervas dos caminhos e ribanceiras; outros ainda, limpando os tanques e os locais onde se «dava ao dente» e outras coisas mais.

No final da empreitada as opiniões — de alguns — eram contraditórias; por um lado diziam: «Não se deve fazer limpeza geral quando temos visitas!» Outros afirmavam: «Devíamos fazer isto mais vezes ao ano, para mostrarmos aos antigos que somos asseados, também!»

Um descarregar de consciências!...

Morgado

da Telescola, onde minha sobrinha é professora e me trouxe os seus nomes.

Tenho pena de não poder mandar muitos mais!»

Lisboa:

«Veremos o que sai desta carta com tanto barulho à minha volta, neste momento e ainda a preocupação dos tachos e panelas ao lume.

Primeiro: quero agradecer os sempre queridos jornais e livros. E... falando em livros, incluo 200\$00 para o DOUTRINA, sobre o qual meditei e que «dorme», junto com a Bíblia, na minha mesa de cabeceira, a fim de poderem, com facilidade, ser consultados.

Segundo: arranje uma nova assinante, que por razões de

## PROBLEMAS SOCIAIS

Cont. da 1.ª página

e que terão o seu papel insubstituível e eminentemente solidário na formação dos seus filhos.

A Psicologia, as Ciências pedagógicas vão por aí fora em tão instantâneo progresso... de que se não vê os efeitos! Pelo contrário, cada vez mais os desequilíbrios psíquicos são a vulgaridade, as desarmonias familiares uma desgraça corrente — e é sempre a criança (e o jovem) quem sofre.

Repito: Este problema é muito complicado mas de solução muito mais radical porque preventiva de outros variadíssimos males que não chegariam a verificar-se se aqueles que lhes estão na origem fossem remediados. Uma política de Verdade creio que começaria por aqui. E agora há, finalmente, uma Secretaria de Estado da Família que luta pelo seu espaço. Parece que nasceu por favor e vai singrando com bastante esforço de implantação. E, no entanto, talvez algum outro ministério pudesse ser poupado para dar lugar a este da Família, com direito a falar de igual para igual com os Assuntos Sociais e a Educação e Cultura e as Finanças e o Plano... e os outros — a alertá-los a todos e ao Povo Português para a Verdade maior de que tudo quanto se investir na Família é amplamente reprodutivo e iria redundar em muitas economias de esforços e de dinheiro que, a não serem investidas aqui, se vão gastar acolá, sempre, mais ou menos, como quem põe remendo no que se podia talhar de origem em pano novo, que pouco importava não fosse seda ou veludo, se chita ou riscado remediariam muito bem.

Padre Carlos

ordem vária me parece ser pessoa bastante aconselhável para se juntar a certo grupo de Amigos aos quais não pertence por falta de persistência...»

Bencanta:

«Há anos que venho mantendo um certo divórcio com O GAIATO. Assim, desde a «fuga heróica» de Angola, deixei de o assinar ou pelo menos deixei de o receber. Por leituras esporádicas vou tendo um conhecimento aproximado, mas gostaria de voltar a ser inscrito como assinante.

Peço o favor de fazerem a minha reinscrição.

Prevendo algum «calote» antigo mando um cheque que espero tenha cobertura.»

E, agora, o numeroso desfile: Entroncamento, Envedos, Valbom (Gondomar), Sintra, Mem Martins, Algueirão, Estoril, Rio Tinto, Mogadouro, Torres Novas, Sacavém, Queluz, Loures, Sobrosa (Paredes), Leça da Palmeira, Matosinhos, Penafiel, Aveiro, Cinfães, Alfena (Ermesinde), S. Cosme (Gondomar), Tavira, Gemunde (Castelo da Maia), Sangalhos, Vieira de Leiria, Alquerubim, Coimbra, Vila Flor, Cacia, Gueifães (Maia), Castelo Branco, Barrei-

Retalhos de Vida

## O Serrano



Chamo-me José Manuel Meira Serrano, sou natural de Elvas, onde nasci a 24/6/67. Tenho mais nove irmãos. Lá na minha terra passava fome. Tínhamos de pedir comer.

O meu pai era muito mau. Eu fugia de casa e ele prendia-me aos ferros da cama. Um dia prendeu-me dentro de uma mala e eu saí de lá de dentro.

A minha mãe era doente. Eu era o mais velho da casa e trabalhava que parecia um condenado.

A minha avó obrigava-me a trabalhar e eu fugia de casa por isso mesmo. Um dia, fui ter a uma loja e roubei dinheiro.

Estou agora na Casa do Gaiato de Paço de Sousa, ando na Escola Primária e desejo ser carpinteiro.

Serrano

ro, Vila Nova de Gaia, Torres Novas, Carraceda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Campo de Besteiros, Oeiras, Odivelas, Almada, Praia de Santa Cruz, Vila do Conde, Rio Tinto, Maxiais (Castelo Branco), Chão de Couce, Cedovim, Vila Nova do Ceira, Palmela, A-dos-Cunha-

dos, Setúbal, Montijo, Monte da Caparica, Gondalães (Paredes), Pontével, Coimbrões, Sarzedas, Porto e Lisboa uma procição. Mais portugueses em Londres (Inglaterra), Vertou (França) e Sevilha (Espanha).

Júlio Mendes

# TRIBUNA DE COIMBRA

Nestes dias de maior recordação de Pai Américo, nos seus 25 anos de convívio mais íntimo com o Senhor, invade o nosso espírito a sua vida de Homem de Deus. Homem de Deus, sacerdote ao serviço dos Irmãos, sem perder o tino do Sobrenatural. «O

centro da nossa vida é o altar.»

Tanto nos faz sofrer quando vemos a nossa vida por caminhos pagãos! Só as coisas deste mundo! Hoje é assim. O materialismo. O social. O bem natural. Deus não está. Não é preciso. Jesus Cristo está escondido. Geralmente não se

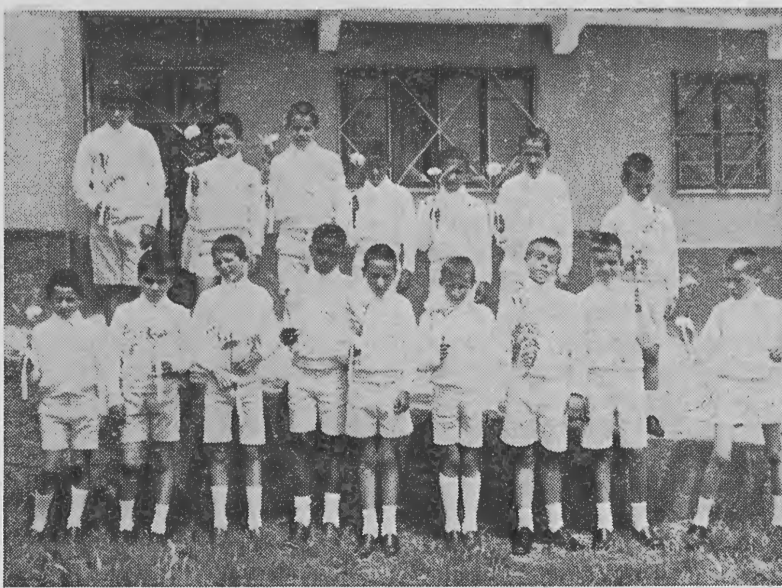
revela. O homem, sim. A vida é que interessa.

Pai Américo, aos 36 anos, não leu mais por esta cartilha. Começou a ver Deus presente em cada homem; Jesus Cristo crucificado em cada sofredor. O mistério da vida em cada um. Só o Espírito de Deus é capaz de iluminar claramente a vida dos homens. «O centro da nossa vida é o altar.»

Recordamos, com muita saudade, o domingo em que 16 dos nossos fizeram a sua primeira Comunhão. O seu sorriso, nas suas vestes brancas, era sinal de comunhão com Jesus Cristo. A oração que alguns fizeram era expressão de muita intimidade com o Senhor que escolheram.

Na altura do ofertório, os que quiseram, rezaram assim:

«Senhor: abençoai o Santo Padre, os Bispos, os Sacerdotes, os Catequistas para que ensi-



Em Miranda do Corvo dezasseis dos nossos fizeram a primeira Comunhão.

Cont. na 4.ª página

# CANTINHO dos Padres da Rua

● Quer através da História, quer no caminho para a Terra Prometida — Deus, em lugares e tempos determinados, fez encontro com o Seu Povo. Encontros, pontos de partida para novas caminhadas.

Nos mais diversos caminhos Deus procura sempre um encontro com os homens — com cada um. A um, fala na montanha; a outro, no mar; a muitos, na doença e na morte; a outros, na festa.

Pai Américo reconhece, nos testemunhos que nos deixou, que os seus encontros mais íntimos e profundos com o Senhor foram nos tugúrios dos Barredos. Lá, onde é a dor, a fome e a morte.

Ao lermos o «Barredo» e o «Pão dos Pobres» nasce em nossa alma a certeza íntima de que Deus espera os Padres da Rua junto dos Pobres. Queimados por dentro e por fora; frustrados até... humanamente.

Frustrados diante do nosso Vieirinha — que durante meses assaltou as despensas e guardou os roubos no armário dum dos nossos que já anda na tropa. E, também, na frente dos escandalizados que imaginam nos muros das nossas Casas uma varinha de condão a transformar meninos.

Ora, não é assim. Os vícios trazidos de fora acompanham sempre durante uma longa caminhada.

● Há dias, uma senhora do Porto entregou-nos suas pulseiras de ouro e os brincos. Deu com simplicidade e retirou-se. Ainda nova para usar jóias, não esperou a velhice e o luto... Caridade é vida! Veio na Primavera — por entre áleas de tillas que recendem.

Não sei o seu nome. Guardai, sim, o gesto de amor e renúncia.

Outros vêm e põem em nossas pobres mãos — mais do que o supérfluo. As mãos dos Padres da Rua tremem com o peso! Sentimos o olhar justo e silencioso de Deus.

Inquieta-nos a carga de pedidos que pesa, também, sobre nós:

A mãe que se prostituiu.

O pai que bebe.

A Família esfrangalhada.

Um desastre.

Uma doença incurável.

E nós vamos dando resposta a eles e à nossa partilha.

● Conservo bem viva a imagem dum Padre belga (P.e Luiz) — lá isolado numa Missão de Angola:

A cama é uma tarimba de lona!

A roupa cabe num saquinho de mão!

Muito raras vezes come refeições de carne e peixe... e, duas ou três vezes ao dia, bebe um copo de leite batido com água da fonte!

Os alimentos que vêm da cidade são distribuídos, por ele, aos refugiados!

Os aposentos da Missão todos os dias são pisados e comidos pelos Irmãos estropiados, doentes e cheios de fome!

Parece não haver paredes... É tudo rua!

Ali se encontra P.e Luiz com o seu Senhor nas estacas que são as pernas feridas dos Irmãos!

● É assim. Abrirmos todas as portas. Que não fique um reduto. Tudo pisado... e nós próprios, pelos nossos... que são os mais abandonados — os mais tristes.

Padre Telmo

# REFLECTINDO

Celebramos os 25 anos da morte de Pai Américo. Ontem como hoje, à porta das Casas por ele fundadas, continuam a bater os desesperados. As mesmas lágrimas, a mesma dor. Os homens na sua caminhada não conseguem acertar o passo, não conseguem evitar as causas da Miséria. Não se ultrapassam as situações de miséria material e muito menos as causas da miséria moral.

As Casas do Gaiato são em si mesmas um grito, são a voz

dos Pobres, são um sinal que avisa para a necessidade de se fazer algo que diminua os processos que conduzem até aqui.

Não há possibilidade de nos calejarmos perante os rostos que sofrem e nos apresentam as suas mágoas. Aquela mulher, mãe de cinco filhos, espancada pelo marido até ter que estar largo tempo internada no hospital... que agora está sózinha, sem uma peça de mobília, sem roupa e que procura a partir do nada, um tecto e tra-

# Calvário

Fala-se hoje muito da infância e da juventude. Fala-se hoje e muito também da média idade e dos seus problemas. Agita-se igualmente e com propostas concretas o problema da terceira idade. Para esta surgem soluções de todos os tipos, desde lares familiares a centros de convívio. E os resultados estão aí com gáudio dos utentes e seus proponentes.

Mas da idade seguinte — a daqueles que estão total e irremediavelmente incapacitados, sujeitos portanto a uma dependência absoluta dos outros — quem fala dela?

Se a terceira idade é a meta normal de todas as vidas, esta idade sem qualificação por ora, pode porventura ser a idade de muitos de nós e de um momento para o outro. Quem está seguro de não cair no leito definitivamente em consequência de doença incurável ou de traumatismo físico ou mental? Mas ainda que esta situação não nos bata à porta, ele há milhares de seres humanos a viver esta idade desde a infância à velhice.

Quem pensa, pois, nesta idade inqualificada? As vezes é só a família que a tem em casa. Mas se a família não existe ou se demite?

No quadro do direito somos omissos. A gente pega nas leis que havia e vai havendo e não encontra algum apoio.

No quadro das relações sociais somos indiferentes ou apáticos.

Ora, o que está em causa nesta situação de incapacidade total é e será sempre o Homem. O que está em causa é a própria vida humana. Muitos

alegam que em tal situação já não vale a pena viver. Mas clamar deste modo é sinal de que a vida humana não merece grande estima. Ele há tantas formas de eutanásia! Na Alemanha, recentemente, levantou-se contra este pregão homicida — já não vale a pena... — uma mãe, que há vinte anos cuida do filho em estado de coma. No Calvário clamamos nós também, ao receber os doentes que aqui temos, como o senhor Armando, há vinte e cinco anos parafítico da cabeça aos pés; como algumas crianças que aqui vivem apenas de modo vegetativo.

No Calvário fazemos a afirmação mais alta pelo valor do Homem, pelo valor da vida,

sobretudo quando desta não mais existe que um sopro débil. É sempre o Homem que está aqui — um homem que podia ser eu, que podia ser um de nós.

Só quando formos capazes de amar também esta idade, que eu não sei qualificar por numerais e a ajudarmos a viver, poderemos na verdade afirmar que amamos o Homem em pleno e lhe defendemos todos os seus direitos.

«Nós somos o vaso de cristal que se quebra quando cai» — entoavam cantores recentes nos ecrãs da Televisão. E há tantos vasos quebrados por os termos deixado cair!

Padre Baptista

# TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 3.ª pág.

nem sempre e a todos os caminhos do bem» — Mário.

«Senhor: quero pedir-Te por todos os meninos que não têm família, que não têm pão, que não têm Catequese» — Jorge.

«Eu quero pedir a Deus por aqueles que não têm mãe nem pai ao pé deles, que façam a primeira Comunhão em paz e bem» — Neutel.

— Vem comigo que eu vou-te arranjar uma sachola.

Levei-o ao pé do grupo que o tinha tratado tão injustamente e entreguei-lhe o que ele queria. Pegou na sachola, deu meia dúzia de sacholadas e cansou-se logo.

Só fiquei triste por uma razão: é que já tenho visto chorar por cinco minutos de recreio a menos, mas foi a primeira vez que vi por faltar a ferramenta para o trabalho. Tinha pensado: «Temos homem; mas tenho que pensar: tem que se fazer Homem...»

E assim será porque Deus continuará a ajudar esta Obra que é d'Ele e em Seu Nome vive e trabalha.

Padre Abel

Padre Horácio



Director: Padre Telmo  
Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 95285  
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa